

presentado por  
**J. BERNUGGI**

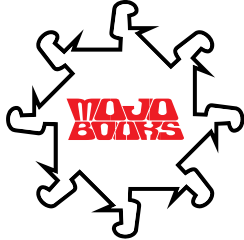


inspirando neobauhaus  
**TABULA RASA**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci  
organizador

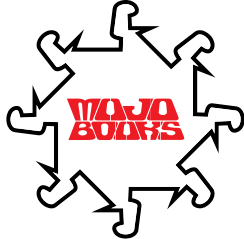


**VOLUME 22**

---

**TABULA RASA**  
**einstürzende Neubauten**

recontado por **J. BERNUCCI**



**VOLUME 22**

---

**TABULA RASA**  
**einstürzende Neubauten**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

**Maio de 2007**

Este é um livro pra quem não tem paciência, que é o meu caso. E pra quem não gosta necessariamente de Einstürzende Neubauten – o que definitivamente não é o meu caso. Simplesmente porque este livro é mais *Tabula Rasa* do que Einstürzende Neubauten. É como se fosse o contrário, como se *Tabula Rasa* fosse o nome da banda e Einstürzende Neubauten fosse o nome do disco. Mas nada disso importa; o que importa é: “tábula rasa” vem do latim e significa, mais ou menos, “página em branco”. Não é uma tradução literal, mas é mais ou menos o que significa. Na verdade, é um conceito filosófico, tipo nós nascemos como “folhas em branco” e tudo o que a gente se torna foi adicionado com o tempo. Um outro uso pra esse conceito é o que realmente tem a ver com o livro daqui pra frente: que legal seria se cada vez que a gente fizesse uma cagada na vida desse pra começar de novo como uma folha em branco. Pra um cara sem paciência nenhuma, como eu, isso seria o ideal. Cada vez que a vida começa a ficar complicada, a gente pára, toma uma gelada, vira a página e começa de novo.

Como agora...



# CAPÍTULO 1 - DIE INTERIMSLIEBENDEN

É engraçado como a cabeça da gente funciona. Se a gente soubesse que nada é definitivo e que tudo pode ser mudado, apagado, modificado, salvo com outro nome, acho que a gente não pensaria tanto antes de fazer as coisas. Escolhi esse álbum, em particular, não porque eu ache que ele faz parte da minha formação musical ou pessoal, ou porque é um daqueles discos clássicos que nego diz que você tem de ouvir antes de morrer, ou por estar entre os cinco que você levaria pra uma ilha deserta. Escolhi porque sou um cuzão, porque não posso simplesmente escolher uma coisa que todo mundo conhece; porque eu sou do tipo de pessoa que vai ao supermercado com camisa do Venom e ao *show* de *rock* com camisa do Hank Williams. Fica mais fácil admitir esse tipo de coisa quando você sabe que vai dar um “tábula rasa” nelas depois... Se eu não tivesse pensado nisso, eu quase com certeza teria escolhido Amado Batista. Essa seria uma escolha totalmente do coração. O cara gravou obras-primas do *pop*-tragédia nacional, e cantava, sem nenhuma sombra de ironia ou sarcasmo, sobre mulheres que morrem dando à luz, pessoas



em cadeiras de rodas, praticantes de bruxaria, e por aí vai. Não seria muito estranho se ele tivesse gravado uma música sobre um casal que se ama, mas sabe que os dois estão esperando coisa melhor? Ou os dois levaram um pé no rabo dos respectivos e não pensariam duas vezes em voltar correndo se um desses exes estalasse os dedos, ou ainda variações do mesmo tema. Eu acho pouco pro Amado Batista...

Tipo sabadão, duas da tarde no programa Raul Gil, Amado Batista dubla “Amantes Interinos” - de repente, vira até tema de novela do SBT! Donas-de-casa cantando a plenos pulmões o refrão de “Amantes Uterinos”. Diamantes Uterinos. Amantes Intestinos. Amantes Inteirinhos. A mãe desinteria...

E a letra seria totalmente pseudopoética, rimando filosofia com utopia, evocando imagens de beija-flores que vivem nas bocas comunais dos amantes e que batem as asas tão rapidamente que estes nem podem ver. Ninguém consegue ver as asas de um beija-flor batendo, amantes ou não — a não ser que seja em câmera lenta, mas essa é outra história —, e seria ridículo insinuar que eles não podem ver porque se amam, ou porque se amam de uma maneira que vai acabar em baixaria — como o próprio nome da música diz. Aliás, já que tocamos no assunto, o que é baixaria? Amado Batista ou um grupo de distintos senhores alemães



que constróem seus próprios instrumentos e cujo vocalista até recentemente era guitarrista do Bad Seeds? “Amantes Interinos” ou “Die Interimsliebenden”? E já que nós estamos falando de Bad Seeds, eu não ligaria de ver o Amado Batista cantando uma música ao vivo com eles... já pensou? Dueto com Nick Cave? Tipo, “The Song of Joy”... Melhor nem pensar nisso, né?





# CAPÍTULO 1 - DIE INTERIMSLIEBENDEN

Aquele realmente tinha sido um dia estranho. Amado estava sentado à mesa de um bar tentando entender o que tinha acontecido. Quem eram aquelas pessoas? Ele nunca tinha ouvido falar nelas. Na verdade, nunca tinha nem ouvido falar em australianos. Não, peraí, o Crocodilo Dundee era australiano, não era? Acho que era...

Amado pediu uma pinga com Cynar e deu uma bicada de leve, só pra preparar a língua pro assalto gustativo do Elmo sem filtro que viria logo em seguida. A televisão em preto-e-branco do bar mostrava episódios ancestrais dos Trapalhões, e, ver o Didi de peito cabeludo de fora dublando Ney Matogrosso não ajudava muito. O que só mostra o quanto a situação era realmente complicada, porque nada no mundo é tão fora do eixo que ver o Didi imitando o Ney Matogrosso. Se você não consegue se concentrar no Renato Aragão destroçando “Bandido Coração” é porque está realmente com problemas.

Começou na verdade umas semanas atrás, com um *fax* que chegou no escritório da gravadora. Um cara de uma revista de





música tinha visto uma revista gringa na qual um artista gringo qualquer aparecia numa foto em sua casa com uma imensa coleção de CDs nas estantes. Aparentemente tinha de tudo, mas mais perto da aparelhagem de som — e conseqüentemente provável de ter sido ouvido recentemente - estava um de seus álbuns! O *fax* era uma cópia já zoada da foto, mas foi o suficiente pra ouriçar o pessoal da gravadora. Passado o susto, alguém finalmente pensou em tentar achar a revista em questão, e neguinho saiu pelas bancas da Capital tentando achar uma cópia da tal revista. Como era de se esperar, não acharam, e o assunto esfriou. Até hoje de manhã. Outro *fax* chegou, dessa vez em inglês. Pânico na gravadora outra vez... Chamaram o cara da loja de *rock* no andar de baixo, e nada. Chamaram o cara do escritório de contabilidade no prédio da frente que tinha uma filha que morava na Alemanha, e nada. Quando eles já estavam pra chamar o cara que vendia óleo de cobra na praça, o telefone tocou. Pedindo desculpas, a pessoa em questão explicou que o *fax* não deveria ter ido direto pra eles, mas para o escritório nacional da gravadora gringa que originalmente mandou o *fax*. Até aí ainda não fazia muita diferença, pois ninguém naquela sala tinha ouvido falar de nenhuma das pessoas, entidades, instituições, países e afins mencionados até agora. Só quando a voz misteriosa no

telefone disse que gostaria de marcar uma hora pra conversar com Amado sobre uma “proposta” é que as coisas clarearam um pouco. Um “convite”, como ele disse. Como o Amado não tinha muito o que fazer naquela tarde, acabaram acertando um almoço; mas ele ainda não tinha digerido o pouco que comeu. Azia, pinga com Cynar e Elmo sem filtro. Seriam essas as musas do poeta máximo do estilo empregada-*pop trash*? Vendo Didi dublando “Foi Deus quem fez você”, da Amelinha, ele se sentiu ainda mais inseguro. Essa era a oportunidade que ele tinha esperado anos e anos, e agora ele simplesmente não acreditava ser capaz de matá-la no peito.

Basicamente, o que aconteceu foi que essa pessoa – muito conceituada no mundo artístico internacional — mostrou interesse por algumas de suas músicas, depois de tê-las ouvido por intermédio de amigos brasileiros. Traçou até certos paralelos entre letras, estilos, temática etc. Claro que musicalmente eles estavam a galáxias-luz de diferença, mas o importante era que existia uma conexão inegável, e ele não conseguia tirar isso da cabeça.

Amado matou o rabo-de-galo num longo gole e pediu outro. A “proposta”, o “convite”, era aterrorizante e superexcitante ao mesmo tempo. Um dueto. Inacreditável! Um dueto com uma



12

peessoa do estrangeiro! Não importa que quase ninguém conheça, estrangeiro é estrangeiro, né? E essa era a parte aterrorizante: ele ainda não sabia se a parte dele seria cantada em inglês ou australiano, ou sei lá o quê... Na cabeça dele, seria português, como se ele fosse o Pavarotti cantando em sua língua nativa com sei lá quem, mas até parece que ele teria tanta sorte...

Um número indeterminado de rabos-de-galo depois, já com a cabeça rodando, ele decidiu ir pra casa.

Quando tudo parou de rodar (bom, tava na hora, né?, já era a manhã seguinte), ele decidiu ligar de volta. Eu topo. Eu abraço. Eu mato no peito e chuto no canto de primeira. Quando? Como? Quanto eu levo nessa?

Formalidades mundanas à parte, uma semana mais tarde ele recebeu um pacote contendo uma versão demo da música, as letras em inglês (aparentemente a língua australiana não existe), a tradução literal para o português e, crucial, a versão em português das linhas que ele cantaria, já metricamente ajustadas para casar perfeitamente com as linhas em inglês. Curiosamente, o título da música era em alemão; parece que a música original era de um grupo alemão desconhecido. Nem em um milhão de anos ele seria capaz de pronunciar o nome original, mas a tradução dizia que era “Amantes Interinos”.

Quando ele leu pela primeira vez, quase chorou. Que coisa mais bonita! Quanta dor de cotovelo não daria pra arrancar de um título desses? Quantos corações daria pra pulverizar e depois reconstruir? Quantos casais usariam uma música dessas como tema das Bodas de Prata?

E a letra, então?? “De gigantes vermelhas a anãs brancas, a escala inteira de dimensões cósmicas caem de minha boca na descrição de um beijo dos amantes interinos”. Segura essa, Wando!

A sessão de gravação estava marcada para dali a duas semanas, então Amado pôs mãos à obra. Ouvia e reouvia a música milhares de vezes. Cada hora ele tinha uma idéia diferente de como deveria soar, a que partes da letra ele tinha de dar mais destaque, enfim, em que lugar realmente o calo da música tinha de doer no ouvido do freguês. Uma parte dele devaneava — “será que do outro lado do mundo tem uma pessoa lendo as letras e ouvindo a melodia e tendo os mesmos dilemas que eu? Será que isso tudo é só por dinheiro, ou realmente em algum lugar da Austrália tem alguém, já no décimo conhaque, fritando os neurônios em desespero, não querendo fazer feio num dueto com um estrangeiro?”. Porque, de mais a mais, Amado Batista só é produto nacional no Brasil. Pros outros países, ele é estrangeiro,



né? Como quando você vai pra Escócia e só toma uísque nacional — nacional deles, gringo pra nós.

Amado nem precisava ter se preocupado. Milhares de quilômetros dali, o tape tocava pra frente e pra trás, incessantemente. Mas não era na Austrália, mas em Londres. Na capital inglesa, uma alma australiana ouvia “Amor Perfeito”, lia a tradução e sentia o coração apertado em antecipação do encontro com a pessoa que pôs no papel aquelas linhas tão absurdamente surreais e, ainda assim, tão perfeitamente cotidianas. “No hospital, na sala de cirurgia, pela vidraça eu via você sofrendo a sorrir...” Imbatível.

E assim aumentava a expectativa, aumentava a responsabilidade de dividir o mesmo pedaço de plástico coberto de informação com um gênio da música-catástrofe.

Chegada a data, Amado passou horas e horas — em um estúdio bem bacana até — gravando versões e mais versões da parte dele. Uma boa parte das repetições foi por causa de seu próprio preciosismo, mas, quando até isso acabou, o produtor ainda queria mais e mais e mais, e, quando este finalmente decidiu que estava na hora de passar a régua, Amado deu graças a Deus. Ele sabia bem como essas coisas funcionavam: agora eles iriam tocar as versões dele numa sala, e os pica-grossas das gravadoras



escolheriam a que eles achavam comercialmente mais viável. Depois, fariam o mesmo com a versão gringa. O “ajuntamento” das duas vozes seria mera formalidade, sendo que o fator decisivo — ou seja, a grana — já tinha sido resolvido.

Por determinação do contrato, a música seria lançada como um *single* no mundo inteiro. Como o Brasil não tem tradição em lançar *singles*, ficou aberto pra música ser incluída, talvez, numa trilha sonora de novela, mas nada acertado.

A última “etapa” do projeto seria a divulgação. Nada muito elaborado — na verdade, a gravadora só queria umas boas fotos dos dois juntos, talvez alguns pôsteres; e, se o *single* tivesse boa repercussão, quem sabe até vídeo...

Foi a melhor parte para Amado, que nunca tinha visitado a Europa. A gravadora pagou passagens, hotel etc. E ele passou dias de rei em Londres. As fotos foram tiradas em um estúdio superprofissional, o que, outra vez, significou ficar um dia inteiro fazendo a mesma coisa de novo e de novo e de novo, até o saco já estar arrastando no chão. Mas o resultado final valeu a pena.

Um ano depois, Amado ainda abria um sorriso de trinta e dois dentes toda vez que alguém mencionava “Amores Interinos”. A música foi tema da novela das oito da Globo, e ele voltou a ser parte integrante dos programas de auditório dos domingos. O



single vendeu que nem água mundo afora, e foi número um em vários países — verdade seja dita, foi número um em países tipo Luxemburgo, Filipinas e Bélgica, mas o que conta é que foi número um... Amado encheu o cu de dinheiro, era reconhecido na rua, dava entrevista pra revista gringa, era juiz de concurso de miss, enfim, estava por cima de novo.

Mas nada, nada mesmo, nem dinheiro, nem fama, nem sucesso chegariam aos pés do maior troféu que ele guardou: na cabeceira de sua cama, uma cópia autografada do CD com a dedicatória "To Amado Batista, the man who showed me the thin line between romance and tragedy - with love, Kylie Minogue".





# CAPÍTULO 1 - DIE INTERIMSLIEBENDEN

No Laboratório de Metafísica Aplicada da Universidade de Campinas, reina um silêncio incomum. Num velho televisor Telefunken valvulado, um grupo de pesquisadores, boquiabertos, assiste a algo. O som deixa muito a desejar, mas, guardadas as devidas proporções, é a música mais doce que já vibrou no ar do laboratório.

**Televisor:** Aracy de Almeida la, la la la la la...

**Dr. Arruelerson:** Maravilhoso... simplesmente maravilhoso...

**Televisor:** Elke Maravilha la, la la la la la...

**Dr. Cudepaterson:** ...este...o dia mais marcante de minha vida... (lágrimas escorrem de seus olhos).

**Televisor:** Décio Piccinini la, la la la la la...

**Professor Dr. Salamovich (abaixando o volume do televisor):** Senhoras e senhores, eu certamente falo por todos nesta sala quando afirmo, sem sombra de dúvida, que esta é a descoberta científica mais importante de todos os tempos. Todos nesta sala sacrificaram horas de sono, famílias, amigos, companheiros,



tudo o que deles foi pedido para alcançar este objetivo que muitos julgaram impossível. Dra. Trouxa, chegou a sua vez!

**Dra. Ermenegilda Albuquerque Trouxa e Cunha (levanta-se de sua cadeira e caminha lentamente para o quadro, onde slides estão sendo projetados):** Como vocês todos se lembram, em agosto de 1982 um incêndio devastador reduziu a cinzas o maior edifício de Campinas — o Joelmachips. Em meros quatro minutos e trinta e três segundos, o prédio inteiro tornou-se uma imensa labareda. Inquéritos posteriores questionaram a decisão de construir um prédio daquele tamanho em papel-machê, mas, à época, ninguém levantou aquela lebre. Afinal de contas, esses eram os loucos anos 1980, e valia tudo. Na verdade, pouca gente sabe que o projeto original do edifício foi rejeitado porque as paredes de papel-machê seriam coladas com cola de sapateiro. Na última hora foi mudado porque a construtora produziu um relatório mostrando que cuspe era mais barato e produzia os mesmos resultados.

(Entre um *slide* e outro mostrando cenas horríficas do incêndio, Dra. Trouxa continua.)

Todas as pessoas que estavam no edifício perderam a vida naquele trágico domingo. No total, 4.532 pessoas, 128 cachorros, 47 gatos, 32 peixes dourados e um número ainda desconhecido



de papagaios, canários, sabiás, pombas e outros animais alados, porém presos em gaiolas, pereceu sem a menor chance de escapar. Apesar de todo o sofrimento de parentes e amigos das vítimas, um fato se destacou mais do que a morte em massa de todos aqueles seres: num dos apartamentos, um dos televisores “congelou” exatamente na imagem que estava sendo transmitida quando o prédio tornou-se um inferno na Terra. Os bombeiros foram rápidos o bastante para trazer o aparelho intacto até o nosso laboratório, e nós passamos meses e meses abafando a história, escondendo do povo e da mídia o fato de que nós tínhamos em nosso poder nosso próprio “relógio de Hiroshima”, por assim dizer.

*(Slides do desenho do televisor, fotos do televisor desmontado numa mesa, etc.)*

Nosso time trabalhou incessantemente por quase vinte e cinco anos para tentar não só entender o fenômeno, mas quem sabe um dia duplicá-lo em laboratório. Anos e anos de tentativas infrutíferas foram finalmente vingados, e o que os senhores viram hoje é apenas o começo. Nossa recém-descoberta tecnologia nos permitirá assistir ao programa até o fim, e uma das perguntas mais perturbadoras de todos os tempos será finalmente respondida: “o que acontece depois?”.



— Amado Batista —, grita uma voz no fundo da sala. Todos se viram na direção do professor Parapopóvich. Amado Batista cantando “Amantes Interinos”!

**Dra. Trouxa:** Perdão?!

**Professor Parapopóvich:** Eu me lembro... no dia da tragédia do Joelmachips, Amado Batista cantou pela primeira e última vez “Amantes Interinos” ao vivo. Depois disso, voltou para seu apartamento e foi visto pela última vez por seu vizinho da esquerda — de quem vem, ao abrir a porta da frente. Desde então, nem Amado nem a única fita original de “Amantes Interinos” foram vistos. Era como se a música nunca tivesse existido — a fita, as anotações de Amado, a letra, tudo sumiu.

Nesse momento, todos olharam para o televisor mudo. Silvio Santos movia aquela boca sem idade de sempre — engraçado como não fazia a menor diferença ouvi-lo ou não pra saber que não se estava perdendo nada. Mas ele parecia mais excitado do que o normal. A Dra. Trouxa aumentou o volume: “...companheiras de trabalho, nós temos convidados muito especiais no nosso programa de hoje! Diretamente das paradas de sucesso mundial para tocar “Die Interimsliebenden“, minhas colegas de auditório, uma salva de palmas para.... Einstürzende Neubauten!”

Todo o grupo de cientistas reunido ali, os cérebros mais bri-



lhantes do país, a cereja da elite da metafísica nacional... e a sala submergiu no silêncio. Até a voz de unhas raspando em quadro-negro de Blixa Bargeld acordá-los daquele transe. Einstürzende Neubauten? “Die Interimsliebenden”?

Como normalmente acontece nessas ocasiões, foi como se o inconsciente coletivo delimitado naquela sala de repente se tornasse o consciente coletivo. Ao mesmo tempo, dezessete pares de olhos se moveram na mesma direção. Da tela em preto-e-branco ao seletor de canais, descendo pelos botões de volume, brilho, contraste, até todos os trinta e quatro olhos pararem no logo: Telefunken.

As peças do quebra-cabeça se encaixaram em velocidade alucinante — Einstürzende Neubauten = destruindo prédios novos. Joelmachips! “Die Interimsliebenden” = “Amantes Interinos”. Amado Batista! Em menos de vinte horas, Amado Batista contemplava seu destino numa cela em Frankfurt. Até vinte horas atrás, ele levava uma vida normal, vinte e cinco anos se passaram e ele já quase não pensava mais no acontecido. Mas agora as coisas eram diferentes. Graças ao profissionalismo e à dedicação do time de investigação metafísica da Unicamp, seu segredo fora descoberto. Por acidente, Amado tinha jogado uma bituca de cigarro na direção do Joelmachips, um dia depois da inauguração.



Amado estava a caminho de sua participação no programa Silvio Santos daquele domingo e não soube do incêndio até chegar em seu apartamento e ver as cenas estarrecedoras na TV. Não teve dúvida: encheu uma mochila com as coisas mais necessárias e correu para o aeroporto, onde comprou uma passagem para a Alemanha, usando seu nome verdadeiro. Em vinte e cinco anos viajou toda a Europa, até finalmente se estabelecer em Wacken, um vilarejo nos arredores de Hamburgo.

Finalmente, a porta de sua cela se abriu e uma figura imponente se apresentou: “Sr. Batista, sou o detetive superintendente Scheisser, do braço alemão da Interpol. Temos razões para acreditar que o senhor fugiu do Brasil em 1982 depois de ter causado um incêndio no qual morreram mais de quatro mil pessoas, e que nesses vinte e cinco anos o senhor morou em diversas partes da Europa e, mais recentemente, em Hamburgo, usando o nome de Blix Bargeld. Durante esses anos, o senhor se submeteu a extensivas cirurgias plásticas para esconder seus famosos traços físicos. O que o senhor tem a dizer sobre isso?”

Amado olhou para o chão, olhou para o teto, pensou um pouco e perguntou: “Detetive, o senhor está familiarizado com o conceito de tábula rasa?”

Scheisser encarou Amado por um instante, tentando adivi-




nhar a razão daquela pergunta. Por fim, disse: “Bom, eu sei que é um conceito filosófico... Geralmente simboliza a necessidade de se começar de novo e do zero quando se comete um engano, ou...”

Tarde demais. Na fração de segundo que levou para Scheisser se dar conta de seu erro, o capítulo abruptamente acabou, e Amado Batista mais uma vez escapou das garras da lei.



# CAPÍTULO 1 - DIE INTERIMSLIEBENDEN



Em um universo paralelo, Blixa Bargeld na verdade canta música *folk* alemã, e Amado Batista é o irmão que os Mutantes nunca conheceram... Mas nada disso importa. Pra falar a verdade, eu acho aquele nome estranho em qualquer universo, seja ele paralelo, concorrente, tangente, perpendicular, o que seja. Blixa?? Fala sério. Imagina chegar pra registrar o filho e falar: O nome dele é Maricla Bargeld... não não, peraf, que tal Viadlo Bargeld? Glay Bargeld? Ré-no-quible Bargeld? Só alemão mesmo...

Caralho, quando acabei a linha de cima, dei um *word count* (sabe como é, né?, eu não quero que meu livro seja o mais curto, mas também não quero que vire *Guerra e Paz*) e deu 2.666 palavras. Puta medo. Me fez pensar se eu estou fazendo a coisa certa, sendo tão aleatório e inconseqüente a cada vez que eu acabo um capítulo e começo outro sem muita explicação ou nem ao menos—



# CAPÍTULO 1 - DIE INTERIMSLIEBENDEN

Amado Batista entra num bar na Bavária, pede uma cerveja e senta-se. Na televisão, uma reportagem sobre Wacken, um vilarejo nos arredores de Hamburgo. Ele vira para um cara sentado, tomando uma cerveja, e diz:

— Wacken só tem puta e jogador de futebol.

Para seu azar, o cara é o Blixa Bargeld, que diz:


— Peraí, chegado, minha mãe é de Wacken!

Muito sem-jeito, Amado responde:

— Eu sei, mas tá batendo um bolão na Bundesliga!



## CAPÍTULO 2 - ZEBULON




Na calada da noite, sirenes não fazem a menor justiça à origem de seus nomes. A palavra "sirene" vem de sereias, que aparentemente cantavam tão maravilhosamente que faziam os marinheiros se perderem no mar, se jogarem na água em busca da fonte de toda aquela beleza. Sirenes na noite são menos nervosas, como se a noite fosse seu hábitat natural. Como se sirenes fossem pequenas criaturas da noite, de olhos arregalados e dedos espalmados, como minúsculos marsupiais, enganchados em cima de ambulâncias e viaturas de polícia, emitindo seu chamado de acasalamento noite afora. Será que acidentes e crimes são, na verdade, de uma maneira indireta, causados pelas fêmeas das sirenes para atrair os machos que vêm cantando a plenos pulmões pela noite, mostrando sua plumagem em forma de luzes azuis e vermelhas, como uma versão néon das penas de um pavão?

Inesperadamente, vindo de uma televisão ligada num volume absurdamente alto — ainda mais se você levar em conta que o dono dela está dormindo no sofá a dois palmos do aparelho —, vem aquele som que gela a espinha de qualquer um. Musiquinha-

tema do Plantão da Globo, e aquela voz solene entoou: “Interrompemos este capítulo para começar de novo o livro”.



# TABULA RASA



Quando fui convidado a dar minha contribuição pra esta super bem bolada série de devaneios musicais (literários?), imediatamente decidi que a única maneira de encarar o desafio seria escolher um álbum que realmente falasse com o meu coração, pra que eu pudesse desaguar meus demônios interiores em páginas virgens; enfim, para entrar em contato com meu eu interior. A escolha óbvia foi "Amado Batista — Sucessos de Ontem e de Sempre". Só que esse disco já havia sido escolhido, então resolvi escolher o disco com o nome mais estranho da banda com o nome mais estranho, e assim tudo começou...

Escutar o disco não é essencial para entender o que aconteceu nas páginas anteriores, mas ajuda a pelo menos colocar as coisas na perspectiva correta – nesse caso, sem perspectiva alguma.

Obrigado por agüentarem até o fim.

Fui.

**FIM**



## SOBRE A BANDA

Fundada em Berlim, Alemanha, em 1980, o Einstürzende Neubauten (prédios novos desmorando) é, junto com Cabaret Voltaire e Throbbing Gristle, uma banda pioneira da música industrial, com toques de vanguarda nas guitarras, vocais em guinchos, instrumentos peculiares (como turbinas de avião) e objetos de construções e de metais. Focados na “música experimental urbana”, o Neubauten tem um jeito de compor quase de um dadaísmo radical. Formado pelo guitarrista Bad Seed Blixa Bargeld (vocais) e N.U. Unruch (percussionista) - membros fixos -, a banda conta ainda com Jochen Arbeit, Alexander Hacke e Rudi Moser na atual formação e o indefectível símbolo de uma inscrição tirada de Stonehenge, na Inglaterra. Mesmo sendo pouco conhecida no Brasil, a banda realizou um épico show, em meados da década de 90, no SESC Belenzinho, em São Paulo.

# CRÉDITOS ORIGINAIS

## **TABULA RASA — EINSTÜRZENDE NEUBAUTEN**

Design por Fritz Brinckmann

Fotografia por Fritz Brinckmann e Anno Dittmer

Lançado em 16 de fevereiro de 1993

Selo: Mute Records

Produzido por Einstürzende Neubauten

Para mais informações sobre a banda, visite:

**[www.neubauten.org](http://www.neubauten.org)**

## **SOBRE O AUTOR**

J. "Alemão" Bernucci nasceu e se criou em Jundiaí/SP. Não estudou nada em particular, tocou em duas ou três bandas locais e, hoje, mora em Londres, Inglaterra. Um fato engraçado sobre ele é que ele é, provavelmente, a única pessoa no mundo que não sabe nadar ou dirigir veículos de quatro rodas.



# ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

**A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.**

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

**Sob as seguintes condições:**

**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")  
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido  
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados  
pelo disposto acima.

# 22 TABULA RASA

EINSTÜRZENDE NEUBAUTEN  
PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. DIE INTERIMSLIEBENDEN
2. ZEBULON
3. BLUME
4. 12305(TE) NACHT
5. SIE
6. WÜSTE
7. HEADCLEANER
8. AS GLEISSEN / SCHLACHT / LYRISCHER RUCKZUG

